

Apresentação

O objetivo da tese é uma abordagem da obra de Ernst Jünger no entreguerras, tendo como tema central a técnica, analisada pelo problema da totalidade. A obra central é o ensaio *O Trabalhador. Domínio e Figura (Der Arbeiter. Herrschaft und Gestalt)*, de 1932, tendo destaque também os dois diários de guerra *Tempestades de Aço (In Stahlgewittern)*, de 1920, e *A guerra como experiência interior (Der Kampf als inneres Erlebnis)*, de 1922, além do ensaio *A mobilização total (Die totale Mobilmachung)*, de 1930. Portanto, o marco temporal principal, que delimita as obras de Jünger abordadas, vai do início da década de 1920 ao início da década de 1930, mas se alarga retrospectivamente ao século XIX no que diz respeito à história política e intelectual, que será abordada a partir dos problemas levantados pela discussão teórico-conceitual. O marco espacial é a Alemanha.

Tendo em vista as questões suscitadas e seus desdobramentos decorrentes, não há aqui uma discussão a respeito do conceito de totalitarismo que, especialmente com a obra de Hannah Arendt (cf. ARENDT, 1989), tem como objetivo uma investigação sobre o poder efetivo do Estado no sentido de um controle total sobre a sociedade. Certamente o conceito, desde então bastante problematizado, pode ser ainda considerado tendo em vista que fez parte de um vocabulário político a que correspondeu um tipo específico de violência política não necessariamente presente num regime autoritário. É nesse sentido, o da abordagem teórico-conceitual, que pretendemos destacar a noção de *totalidade* a partir de obra de Jünger tendo em vista o tema importante do impacto da técnica. A totalidade será analisada como um tipo de formulação político-filosófica, de caráter metafísico, tendo em vista a crise de sentido decorrente dos processos de modernização, com a sensação de fragmentação dos valores tradicionais e do próprio espaço onde se constituía uma comunidade de valores, coisa que será por sua vez idealizada pelos movimentos que se batem contra aspectos da cidade e da

vida urbana moderna e que servirá de base para a formulação de conceitos que, inclusive, farão parte do vocabulário nazista.

Ernst Jünger (1895-1998) participou, como militar, nas duas Grandes Guerras. Após a Primeira Guerra, aprofundou seus estudos em zoologia e botânica enquanto se aproximava de círculos político-intelectuais de direita. É considerado um dos maiores escritores alemães do século XX. Escreveu dezenas de obras abrangendo ensaios políticos e filosóficos, romances, cartas, diários, livros sobre biologia e sobre suas experiências com drogas alucinógenas. Adolescente agitado e indisciplinado, aos 16 anos se junta ao grupo de jovens *Wandervögel*. Aos 17 foge para se alistar na Legião Estrangeira, com a qual pôde conhecer a África. Seu espírito aventureiro e observador ainda o levaria a outros continentes e países, como o Brasil, em meados da década de 1930. Como soldado, ele participou com entusiasmo da Grande Guerra de 1914-1919. Ele foi ferido quatorze vezes e, por sua bravura, recebeu a condecoração máxima. Na Alemanha Oriental depois da guerra ele se tornou uma figura controversa, pois discutia-se como seus artigos, que foram publicados em periódicos nacionalistas depois da Primeira Guerra, poderiam ter tido influência sobre a *intelligentsia* nazista, especialmente com a publicação em 1932 de seu ensaio *O Trabalhador*. Mas, se Jünger foi sondado pelo partido nazista devido a seu passado de combatente e a seus escritos políticos nacionalistas, ele recusou qualquer participação. Desde 1933 a Gestapo passou a vigiá-lo. Em 1934 publica a sua primeira denúncia ao racismo fascista em seu texto *Blaetter und Steine (Folhas e Pedras)*. Na Segunda Guerra, Jünger foi capitão da *Wehrmacht* (as Forças Armadas alemãs unificadas). No comando de uma companhia de infantaria entrou na França, onde chegou a intervir para proteger bens culturais franceses do vandalismo de seus compatriotas, como na Catedral de Laon e no Castelo de Montmirail. Na Paris ocupada, ele já era conhecido como escritor. Uma de suas missões era sondar a vida social e intelectual da cidade, o que o levou a se relacionar com figuras como Jean Cocteau, Céline, Braque, Picasso, Montherlant, Drieu La Rochelle. Jünger frequentou os salões literários e de ópio, onde aos poucos se ligou aos oficiais insatisfeitos com Hitler. Não toma parte na conspiração por trás do ataque em 20 de julho de 1944 contra Adolf Hitler ("Operação Valquíria"), mas suspeita-se que ele foi informado sobre a sua preparação. Em 1944, com a chegada das tropas britânicas e americanas, pediu aos seus homens para não resistir. Em seu 100°

aniversário recebeu homenagem do então presidente francês François Mitterrand, que se pronunciou sobre o "grande alemão".

Jünger foi parte do que se denomina genericamente de “Movimento Revolucionário Conservador”, em que o nacionalismo, prussianismo e uma versão própria (conservadora e nacionalista) de socialismo (que terá no partido nazista – nacional-socialista – seu representante mais bem sucedido) se colocavam contra o liberalismo e a civilização burguesa e o avanço do comunismo. Ao materialismo é contraposto o *Geist*, termo geralmente traduzido por “espírito” mas que não encontrava equivalente direto no inglês ou francês. O catolicismo terá um peso grande, embora haja também elementos místicos ou neopagãos, mas nesse sentido devemos ter em conta o Concílio Vaticano I (1869-1970), que, para além de proclamar como dogma a infalibilidade papal, tomou uma postura ativamente conservadora ao condenar o que via como erros do racionalismo, do materialismo e do ateísmo. Na Alemanha, onde os valores e instituição liberais não se tornariam bem-sucedidos como nas duas potências continentais, Inglaterra e França, o reacionarismo encontraria um solo propício em conjunção com o nacionalismo de teor aristocrata e autoritário. No conjunto de personalidades que fizeram parte desse grande espectro conservador ou que se colocavam em perspectiva crítica ao legado racionalista, buscando a revalorização de uma esfera moral ou espiritual ou algum tipo de cosmismo, havia ideólogos reacionários e estudiosos entre os quais o advogado e proeminente líder político Edgar Julius Jung (que seria assassinado pela Gestapo em 1934 na Noite das Facas Longas); o poeta místico e tradutor Stefan George, que esteve à frente de um influente círculo literário e acadêmico conhecido como *Georgekreis* (Círculo de George); o filósofo da cultura, antissemita e figura proeminente no movimento *völkisch* (populista) Paul de Lagarde; o estudioso e escritor, autor de *Nietzsche. Versuch einer Mythologie* (*Nietzsche. Tentativa de uma mitologia*, 1918) Ernst Bertram; o irmão de Jünger, o poeta e ensaísta Friedrich Georg Jünger, além de personalidades mais acadêmicas como o economista e sociólogo Werner Sombart; o historiador medievalista Ernst Kantorowicz; o historiador e filósofo Oswald Spengler e seu influente *O declínio* (ou *decadência*) *do Ocidente* (*Der Untergang des Abendlandes*), de 1918, que abordava a história humana homologamente aos ciclos da natureza e colocava a Alemanha de então, com suas tendências cosmopolitas e irreligiosas, como estando no “inverno”; o jurista Carl Schmitt e o

filósofo Martin Heidegger. Embora todos representem um pensamento conservador, de teor aristocrático e/ou religioso e místico, como Jünger não necessariamente se aliaram com os nazistas e essa tensão pode ser exemplificada com Stefan George, cujos poemas agradariam ao regime nazista mas ele mesmo recusou a se aproximar do dito regime, emigrando-se para a Suíça, e dentre os membros do Círculo de George estava o coronel Claus von Stauffenberg e outros nomes que participaram da Operação Valquíria.

O tema da tese surgiu durante o doutorado, foi fruto dos interesses do grupo de estudos História Transdisciplinar dos Conceitos e inicialmente seria um estudo sobre a recepção da obra de Nietzsche na França do pós-Segunda Guerra. Logo se destacou a obra de Georges Bataille, cuja abordagem de Nietzsche era centrada na dissolução do sujeito cartesiano e do racionalismo, vistos como limitadores. Tal dissolução do sujeito, por Bataille, se dava sob o tema do sacrifício e inspirado também em leituras antropológicas um tanto heterodoxas em que Bataille acrescentava a sua leitura de Nietzsche. Aquele contexto também trazia um fator que em si não poderia ser ignorado: o impacto das duas guerras mundiais. E a própria obra polêmica de Bataille, iniciada no entreguerras, já indicava que o foco deveria recair no impacto da Grande Guerra de 1914-1919, que trouxe um abalo nas concepções otimistas de progresso e deu um protagonismo, sob a forma do fascismo, ao pensamento reacionário que vinha sendo alimentado desde o final do século XIX, e que se batia contra o processo de modernização, contra a “perda de raízes”. Assim, Ernst Jünger surge na pesquisa por dois fatores importantes: ter sido ele mesmo um soldado que lutara na guerra e escrito sobre suas experiências durante a luta e também por trazer em tais relatos e no ensaio do início da década de 1930, *O Trabalhador*, o tema do sacrifício. Isso incluía também uma apropriação da obra nietzschiana. Já que o estudo se ampliara, era necessária uma nova delimitação. Durante o exame de qualificação a escolha foi o foco exclusivo na obra de Jünger.

No que diz respeito ao horizonte histórico mencionado acima, se pensarmos especificamente na Alemanha do primeiro pós-guerra, com sua constante situação crítica, seja na política ou no campo sócio-econômico, e que se soma a problemas anteriores como o próprio processo tardio de unificação política, podemos ter noção da gravidade e radicalidade na busca de referenciais. Como diz Richard Evans, muito importante para a geração nascida entre a virada

do século e a deflagração da guerra “era a avassaladora experiência de desarranjo político, privação econômica, guerra, destruição, luta civil, inflação, derrota nacional e ocupação parcial por potências estrangeiras, uma experiência”, destaca o historiador, “compartilhada por jovens nascidos por volta da década que levou à Primeira Guerra Mundial”. Essa geração “foi de fato uma geração do incondicional, pronta para qualquer coisa; em mais de um aspecto, viria a desempenhar um papel decisivo no Terceiro Reich” (EVANS, 2010, p. 183-184).

Em um de seus diários de guerra publicados, *Tempestades de Aço* – segundo Richard Evans “muito admirado por Hitler pela glorificação da vida de soldado” (idem, p. 496) –, Jünger traz um detalhado relato das batalhas, exaltando “a imagem das tropas da linha de frente que haviam encontrado seu verdadeiro ser apenas no exercício do sofrimento e da violência e na imposição de dor” (idem, p. 171). O que impressiona é que tal detalhamento, se por um lado não poupa o leitor da verdade sobre corpos despedaçados, da vida difícil e desgastante nas trincheiras, enfim, da morte que poderia vir de qualquer uma das armas do poderoso arsenal (que ia desde morteiros que deixavam crateras no chão até estilhaços de bombas de fragmentação que atravessavam o ar), por outro lado tem como norte uma espécie de júbilo pela experiência da guerra, um júbilo de teor guerreiro-aristocrático que se faz presente apesar de que essa mesma guerra, como o próprio Jünger reconhece, faz ficarem ultrapassados os antigos parâmetros da guerra, como p. ex. o próprio confronto corpo a corpo. Essa veia tradicionalista de Jünger fica ainda mais estranha quando se constata que nos relatos sobre tal guerra emerge um tipo novo de sublime, que é a morte da morte, no sentido da banalização da morte, o que é o mesmo que dizer: a banalização da vida que se verifica no campo de batalha. Lembremo-nos também que a Primeira Guerra Mundial traz pela primeira vez a morte em massa de civis que passam também a serem alvos de ataque. E se destacamos o impacto da guerra, isso não significa uma contextualização arbitrária que impomos à obra de Jünger – arbitrariedade, contudo, difícil de ser imputada quando se trata de evento de tal magnitude –, mas sim que a guerra continua a ser o elemento fundamental de *passagem* para o que Jünger denominará, em seu ensaio de 1932, *O Trabalhador*, um novo *plano*: a totalidade do trabalho sob a *figura* (*Gestalt*) do *Trabalhador*.

Com essa aproximação que fazemos entre o diário de guerra publicado em 1920 e o ensaio de dez anos depois visamos a destacar pontos de permanência e

um elemento de diferença, e é esse elemento de diferença que se destaca no ensaio *O Trabalhador* e que nos leva à análise da obra jüngeriana que pretendemos fazer na tese.

Vamos, primeiro, aos elementos de permanência. Em primeiro lugar, a experiência da guerra, como dissemos, ressurge em *O Trabalhador* como ponto fundamental de passagem da curta era burguesa para o mundo do trabalho, ou seja, para a expansão do mundo da indústria, da cidade planejada, do trabalho em massa, para o apagamento da individualidade em que a figura do trabalhador diz respeito tanto ao trabalhador na fábrica quanto ao soldado no campo de batalha. Melhor dizendo, a era burguesa e liberal entre final do século XVIII e a eclosão da Grande Guerra seria ela mesma apenas uma passagem entre a sociedade feudal, com sua ordem, para uma nova ordem, a ordem do trabalho – e tomamos aqui o que Jünger já expunha em seu ensaio de 1930, *A mobilização total*. Em segundo lugar, a ética guerreira, elogiada na narrativa construída sobre a guerra, é mantida em *O Trabalhador* na mesma medida em que o desejo burguês de segurança é desqualificado. Embora em *O Trabalhador* haja o elogio do novo mundo do trabalho, que implica necessariamente aceitar o papel protagonista dos processos técnicos, Jünger elabora um conceito paradoxal de liberdade que contrasta com a liberdade burguesa, baseada no fundamento da liberdade individual: agora, a verdadeira liberdade é a liberdade de se colocar a serviço da mobilização total, isto é, da constituição da totalidade do trabalho. Ou seja, assim como o bom guerreiro que não pode temer a morte e tem a ética do combate como algo superior a qualquer sentido de identidade pessoal, ao trabalhador também não deve importar o bem-estar pessoal e o apego à vida. Em terceiro lugar, há o elemento da *Lebensphilosophie* (filosofia de vida), com seu veio nietzschiano no sentido de celebrar a vida enquanto afirmação da vontade. É nesse sentido que devemos entender essa palavra, *vida*, grifada toda em letras maiúsculas se destacando no outro relato de guerra, *A guerra como experiência interior*, que tem um foco muito maior na *experiência* da guerra e no elogio dessa espécie de ética guerreira que propriamente nos relatos das batalhas e da vida nas trincheiras. Essa *Lebensphilosophie* à la Jünger se faz presente também em *O Trabalhador*, que traz em seu vocabulário termos como “o elementar” ou a “substância heroica fundamental” e também a ênfase no elemento de *culto*. Além dessa permanência do elemento vitalista, Jünger propõe mesmo a junção do orgânico com o

mecânico em vez de ver homem e máquina como antagônicos – diferente, por exemplo, de Spengler que via a técnica como a criatura que se volta contra o criador. Para Jünger, a imagem do deus – ou demônio – bíblico Moloch (que aparecera antes no filme *Metropolis*, de 1927), deus que exigia o sacrifício humano, simboliza portanto essa simbiose do homem com a máquina e o digno sacrifício da subjetividade individual.

Tais elementos de permanência, em si, não dizem muito e seriam muito mais uma curiosidade sobre um pensamento excêntrico, mas o impacto que a obra de Jünger teve, inclusive sobre dois pensadores a ele próximos, Carl Schmitt e Martin Heidegger, vem do elemento novo sobre o qual a obra de Jünger chamava a atenção: o peso da técnica na vida contemporânea, exposto de uma forma diferente da narrativa trans-histórica de Spengler com seu nietzschianismo pessimista. O jurista Schmitt elaborou uma reflexão sobre o Estado total na era da técnica, o filósofo Heidegger desenvolveu uma reflexão sobre a metafísica ocidental que culmina na figura impessoal do trabalhador jüngeriano.

Mas a técnica não é um elemento que fala por si mesmo e nem é o ponto principal da reflexão desenvolvida em *O Trabalhador*. Em vez de ser um elemento determinante, um elemento motor, a técnica é apenas um meio, mas agora um meio privilegiado para a constituição de uma nova totalidade. Como dissemos, para Jünger a época burguesa seria apenas uma passagem de uma ordem para outra, e isso implica um conjunto de rupturas com o mundo burguês-liberal. Mas, assim como na obra de Schmitt, trata-se em grande parte de um conjunto idealizado de polaridades em que os elementos liberais se colocam como ideal negativo da nova ordem que se quer constituir. Dessa forma, a era burguesa é tomada como uma totalidade, mas uma totalidade imperfeita e covarde, regida por um princípio individualista e pelo desejo de segurança, ao mesmo tempo em que em seu interior se desenvolviam os fundamentos que levavam à mobilização total e indicavam a abertura para uma nova ordem. Ou seja, é uma polaridade relativa, pois a ordem impessoal do trabalho e da totalidade da técnica surge de dentro da própria era burguesa. No centro e como motor dessa emergência, temos a figura do trabalhador, que é “mais que a soma de suas partes” e difere-se tanto do indivíduo quanto da massa. Como colocou Edmundo Cordeiro, em Jünger “o nome ‘trabalhador’ não aponta diretamente para aquele que desenvolve uma atividade à qual se pode chamar trabalho – nesse caso nomeava apenas o exercício

de um homem ou de todo aquele que entrasse num exercício semelhante”. Antes, a palavra “trabalhador” “aumenta de uma maneira imprevista, entra em ‘gravitação’”. Como expõe o autor, num carta Jünger diz que

“(…) seria um erro ver no trabalhador o super-homem ou uma ideia platônica - há que vê-lo antes com figura no sentido da planta originária de Goethe. Também a planta originária não é um tipo, mas uma força formadora de tipos. Visto a partir da figura, que está imóvel, o mundo é concebido como movimento, desde os átomos até às galáxias. No que se refere à medida e ao número vemos com uma nitidez enorme os detalhes, ao passo que parecem escapar-se-nos cada vez mais o sentido e a meta do todo. Mas é justamente a precisão e a engrenagem dos detalhes que permitem suspeitar que existe algo por ‘detrás’, não ‘mundos prévios’, mas ‘o interior da Natureza’” (cf. CORDEIRO, 1999, p. 1-2).

Esse sentido da *Gestalt* como força formadora será abordada neste trabalho, e embora Jünger recuse o sentido platônico, como exposto por Cordeiro, levantaremos a hipótese (no último capítulo), a partir da abordagem feita por Hans Blumenberg, de que haveria um platonismo em *O Trabalhador* que estaria antes no sentido de totalidade absoluta desejada por Jünger. Esse sentido de totalidade, como será nosso objetivo mostrar, além de dispensar, pela noção de sacrifício da subjetividade, toda a tensão entre sujeito e o horizonte normativo tão cara ao romantismo e idealismo alemães, busca valorizar a nova natureza planificada do trabalho como a nova natureza que se põe no lugar da natureza idílica do neorromantismo, que era o *locus* da totalidade perdida – e nisso intentamos aprofundar um ponto que Cordeiro já havia indicado (cf. idem, p. 4). Como também procuraremos mostrar, a ênfase na figura (*Gestalt*) por Jünger implica numa mudança na concepção de tempo: em vez do tempo linear e progressista, uma história que muda com a figura – é assim que, em Jünger, a ordem dos cavaleiros teutônicos, a Companhia de Jesus ou os soldados prussianos são uma prefiguração da figura estoica do trabalhador.

Para além, pois, do que vem explícito no texto de Jünger, e dado que especialmente em *O Trabalhador* não há referências a autores, escolas ou tradições de pensamento, procuramos abordar a obra jüngeriana procedendo a uma contextualização segundo as questões levantadas pela obra, uma contextualização dirigida ao horizonte político e intelectual e que se subordina a uma discussão que pretendemos fazer tendo como norte a algumas categorias teóricas, sendo a principal delas a de totalidade, que guia todo o trabalho.

Assim, embora abordemos aspectos da história intelectual e das representações sociais, essa abordagem se dá no sentido da formulação do problema em torno da categoria da totalidade. A técnica é tornada um problema mediante a tensão que ela coloca, ou radicaliza, entre fragmentação e totalidade e entre subjetividade e mundo objetivado. Os autores mobilizados enquanto parte do legado intelectual são trazidos para o trabalho na medida em que são eles mesmos um *contexto* e também pela contribuição que têm na discussão teórica conduzida pela categoria da totalidade.

Nesse ponto, destacamos a importância que tem Simmel para nosso estudo. Simmel é um representante intelectual da tradição da *Bildung* (formação) e, pelas suas reflexões, o diagnosticador de sua fissura devido ao hiato que aponta entre sujeito e objeto devido à autonomização do mundo objetivado da técnica. Segundo José Luís Garcia, Simmel é quem primeiro coloca o problema da técnica no mundo contemporâneo e é mesmo inspirador dos estudos mais conhecidos de Max Weber e sua teoria da racionalização (GARCIA, 2007, p. 313; 325-326). A autonomização do mundo objetivado da técnica implica também a atrofia da subjetividade, segundo o diagnóstico da abertura de um hiato entre o material objetivo, fruto da produção, e o processo subjetivo do trabalho – coisa que havia sido abordada por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, mas dos quais Simmel não tinha conhecimento, pois que publicados apenas em 1932 (idem, p. 317). Simmel aponta também uma lógica teleológica do *meios-fins* inerente ao desenvolvimento tecnológico que faz com que todo fim transforme-se em novos meios para novos fins, incessantemente, e que cada vez mais o fim seja a produção de uma mercadoria a que a energia de cada sujeito está submetida. “Mesmo quando o progresso tecnológico promove a procura de novos fins, estes fins destinam-se a tornarem-se meios desse progresso tecnológico”, expõe Garcia. “É por esta razão que a ilusão da tecnologia é danosa e invisível, e tanto mais ameaçadora quanto opaca, pois, na interpretação de Simmel, a tecnologia passa a ser a finalidade da vida” (GARCIA, 2007, p. 320). Além disso, Simmel traz uma outra concepção de totalidade, uma totalidade ideal enquanto *mediação* entre sujeito e sociedade e entre a sociedade e a contingência, categoria que nos serve como espécie de instrumento heurístico para ver, *em contraste*, a totalidade pretensamente real defendida por Jünger.

Portanto, procedemos a uma abordagem teórico-conceitual que se abre para um diálogo entre a história das ideias e das representações sociais, no que diz respeito à mitologia política – a questão da técnica nos traz o problema da totalidade ou totalização, que será tratado como “objeto” (ou seja, um elemento da história das ideias e das representações) e também como categoria teórica. O diálogo com aspectos da obra de Carl Schmitt e de Martin Heidegger se fez necessário como destaque pela proximidade (não necessariamente confluência) que ambos tiveram com relação a Jünger, pessoal e intelectualmente, e temos em Heidegger um grande pensador que se debruçou sobre as questões suscitadas por Jünger. De Oswald Spengler abordaremos apenas a obra *O Homem e a Técnica* (*Der Mensch und der Technik*).

Além disso, constituindo o percurso inicial da tese, procederemos a um alargamento do marco temporal para finais do século XIX, em que se constituem alguns elementos importantes herdados na década de 1930, como a consolidação de uma via autoritária alemã, o neorromantismo *völkish* (populista) e a crise da tradição liberal da *Bildung* (formação) diante da autonomização do mundo objetivado da técnica. Tais elementos permitem identificar uma crise diante da fragmentação de sentido decorrente dos processos de modernização. A noção de *Gestalt* (forma, ou figura), que implica a herança da época do primeiro romantismo alemão, passando também por Nietzsche, é também destacada como elemento ficcionalizante da mitologia política. Aquela crise se reforça com a irrupção avassaladora da técnica após a Grande Guerra de 1914-1919, configurando-se uma crise dos valores e instituições liberais.

Por fim, ao tomarmos essa crise de sentido, essa percepção de fragmentação dos valores, temos que abordar o problema do afastamento da natureza como horizonte idílico (e, filosófica ou teologicamente dizendo, mimético), afastamento devido à revolução industrial e que passa a ser o índice da totalidade perdida. Em *O Trabalhador* Jünger formula, a nosso ver, a “solução” diante do duplo impulso apontado por Hans Blumenberg, herdado do século XIX: de um lado, o impulso da vontade humana sobre a natureza (especialmente através da técnica) e, de outro, o impulso de uma volta à natureza (especialmente pela arte). Acreditamos que a obra de Jünger traz a junção das dessas duas tendências porque sua noção de totalidade do trabalho implica a aceitação da natureza *planificada* do trabalho como a nova natureza. Como totalidade (pretensamente)

real, em vez de *ideal* e mediadora, como na tradição liberal da *Bildung*, destacamos que essa totalidade necessita da eliminação do sujeito e da mediação. O “falatório burguês” é substituído pela “linguagem sem palavras” decorrente da junção do orgânico com o mecânico, o indivíduo burguês é substituído pela “pessoa absoluta”.

Assim, o primeiro capítulo, mais curto e servindo como introdução, traz a contextualização mais retrospectiva, voltando à passagem do século XIX ao XX. O primeiro item trata da assunção da tradição autoritária e nacionalista alemã assim como do vitalismo de inspiração nietzschiana, tendo em vista a situação particular da Alemanha em que havia uma maior fragilidade da esfera liberal, tanto na política como no que se refere às vanguardas artísticas. No segundo item, abordamos a formulação liberal da *Bildung* com Humboldt e Simmel, autores que permitem uma categorização da totalidade enquanto “terceira instância” e como totalidade ideal, e Simmel já diagnostica uma fratura na *Bildung* (em sua tarefa de cultivação do cidadão), fratura decorrente da autonomização do mundo técnico, que em Simmel se dá nos termos da divisão do trabalho e circulação do dinheiro. No terceiro item, abordamos o reacionarismo *völkish*, com seu cosmismo – que tratamos como o desejo de um retorno de uma totalidade “real” – e seu vitalismo reacionário, elementos que estarão presentes tanto na mitologia nazista quanto na obra de Jünger.

O segundo capítulo ainda tem um foco mais no horizonte político e intelectual, começando pela identificação de uma crise político-jurídica e espiritual que se agrava com a Primeira Grande Guerra e que leva à busca de um novo fundamento para a soberania alemã e de uma nova *Lei* (um categoria teórica que implica uma normatividade para além do jurídico). Neste caso, focamos a mitologia política nazista e também o pensamento de Schmitt e Heidegger que, com Jünger, podemos dizer que são três intelectuais que não pensam o mesmo mas se movem no mesmo solo intelectual. Destacamos a proposição de uma ditadura pela teoria da secularização em Schmitt e sua aproximação final com a mitologia nazista, a busca de uma nova unidade entre tempo da vida e tempo do mundo com Heidegger e a confluência de ambos no sentido da crítica ao fundamento liberal da autolegislação humana, que veem como fundamento do niilismo. Assim, esse item traz a crítica ao sujeito aliada à busca da totalidade, que por sua vez traz a questão da *Gestalt*, elemento presente no pensamento alemão

desde o primeiro romantismo em sua apropriação do pensamento grego, passando por Nietzsche. No segundo item, abordaremos de que forma tais elementos, a *Gestalt* (do *trabalhador*) e o Domínio, estão presentes em Jünger: aqui, emerge a novidade da presença *não mais negativa* da técnica. Ela surge como fundamento de uma nova totalidade pela sua autonomização. No final do item, pela formulação de uma “linguagem sem palavras”, Jünger elimina de uma vez o problema da mediação, tão cara ao pensamento liberal da *Bildung*, descartando a linguagem e o sujeito. Agora, trata-se do *tipo/Gestalt* do trabalhador, desindividualizado e disposto ao sacrifício diante da mobilização total e devendo se adequar à linguagem muda da técnica.

O terceiro capítulo então se concentra ele todo no problema da técnica. No primeiro item trazemos uma abordagem sobre a delimitação dessa questão feita desde o século XIX, assim como a reflexão histórico-antropológica e trágica feita, primeiro, por Simmel, com a tragédia da cultura se dando pela autonomização dos produtos culturais diante de seu criador, o homem, e em segundo por Spengler, numa mistura de vitalismo e pessimismo. O item traz também, de volta, o pensamento de Schmitt e Heidegger no horizonte do modernismo reacionário alemão em que se procura absorver a técnica tendo em vista a busca da soberania, tratada no segundo capítulo. No caso de Heidegger, embora crítico dessa absorção da técnica e vendo nela um fator desestabilizador, ele mantém-se no horizonte de um pensamento trans-histórico sobre a técnica que, por outro lado, prende-se a seu próprio contexto no sentido da busca de um tipo de cosmismo. No segundo item, abordamos a problematização feita por Hans Blumenberg, que identificou, como herança do século XIX, aquele duplo impulso que já mencionamos: o domínio técnico sobre a natureza e o desejo de um retorno a uma natureza como signo da totalidade perdida. Assim, mostraremos em seguida que, com Jünger, há a formulação de uma nova natureza que é a natureza planificada da técnica e do trabalho, assim como a formulação (ligada à figura do trabalhador) da noção da “pessoa absoluta”, que procuramos abordar no horizonte da herança do idealismo alemão e para melhor apreender a originalidade da formulação jüngeriana. Dizendo aqui de forma direta: a pessoa absoluta significa o indivíduo absorvido pela nova totalidade, a totalidade da técnica.

Assim, na formulação jüngeriana, temos que (*i*) a técnica, antes vista como elemento da fragmentação de sentido pela sua constante autonomização, é aceita

como fator totalizador em conjunção com o orgânico, o homem se adaptando à máquina; (ii) o sujeito individual é substituído pelo *tipo* do trabalhador, adaptado e disposto ao sacrifício diante da mobilização total; (iii) a linguagem passa a ser uma “linguagem sem palavras”, adaptada à técnica; (iv) a antiga natureza idílica, signo da totalidade perdida, é substituída pela natureza planificada do trabalho; e (v) o tempo linear é substituído por uma “diferença de plano”.

No quarto e último capítulo, procuramos destacar a experiência e o impacto da Grande Guerra de 1914-1919 para a posterior conjunção desses elementos na obra de Jünger. Pela categoria do sublime, procuramos mostrar como em seus relatos de guerra já havia a base para a posterior absorção da técnica como totalidade, como fruto do motor *vital*. A ética guerreiro-aristocrática de Jünger é aquela que irá absorver a técnica, ela mesma fruto da vitalidade humana, não mais em um sentido trágico. O segundo item, com auxílio novamente de Blumenberg e uma categorização a partir do pensamento kantiano, abordamos a presença de uma estética em Jünger, apontando este que nos permite, contra a vontade de Jünger, tomar a totalidade exposta em *O Trabalhador* como niilismo, já que o projeto de *O Trabalhador* era *superação* do niilismo. Assim, no final do item, em seu segundo subitem, numa breve abordagem que serve como fechamento (epílogo) do trabalho, veremos como o próprio Jünger, num debate com Heidegger no início de década de 1950, vê ele mesmo esse niilismo em seus ensaios da década de 1930 e procura recuperar um espaço de liberdade para o sujeito.